

**O DESLOCAMENTO DO “EX-CÊNTRICO” NO ROMANCE PÓS-
DITATORIAL BRASILEIRO**

**THE DISPLACEMENT OF THE “EX-CENTRIC” IN THE POST-
DICTATORSHIP BRASILIAN NOVEL**

Andrea Quilian de Vargas

Rosani Ketzer Umbach

RESUMO: A proposta deste artigo é discutir os pressupostos da metaficção historiográfica no romance *Tropical sol da liberdade*, da escritora Ana Maria Machado. Essa nova forma de narrativa, segundo Linda Hutcheon, está inserida no contexto cultural denominado pós-modernismo. Nessa esteira de pensamento, o marginal, o “ex-cêntrico”, adquire importância, desloca-se, sai do anonimato. A história e a ficção passam a ser vistas como construtos humanos, o que constitui a base para se repensar o passado. A obra literária em análise desdobra-se no cenário do Brasil da Ditadura Militar, retratando um vasto panorama político e social. É objetivo deste estudo verificar a instabilidade das fronteiras entre história e ficção e o deslocamento das personagens “ex-cêntricas” para o centro da narrativa.

PALAVAS-CHAVE: metaficção historiográfica, “ex-cêntrico”, romance

ABSTRACT: The purpose of this paper is to discuss the assumptions of historiographic metafiction in the novel *Tropical sol da liberdade*, by Ana Maria Machado. According Linda Hutcheon, this new form of narrative is part of a cultural movement called post-modernism. In the postmodernist current, the "ex-centric", and the marginal subjects acquire importance, leaving the anonymity. History and fiction come to be seen as human constructs, which constitute the basis for rethinking the past. The literary work under discussion unfolds in the context of Brazil's Military Dictatorship. The objective of this study is to verify instability of the boundaries between history and fiction, and also the displacement of the "ex-centric" characters towards the center of the narrative.

Ficção e história, fronteiras instáveis

Desde o início dos tempos, literatura e história sempre andaram juntas, ora se contrapondo, ora bastante próximas. Na antiguidade, a epopéia fundia real e imaginário, divino e humano. Sendo anterior à consciência individual, registrava o destino da coletividade. A literatura e a história eram consideradas ramos de uma mesma árvore que intentava interpretar a experiência humana.

Com a lenta tomada de consciência do homem de sua condição existencial e social, entretanto, as duas singularizaram-se. Segundo Mário Maestri²⁹:

O processo de autonomização entre a história e a literatura aprofundou-se na Idade Média. Então, a narrativa dramática e o romance de cavalaria, pastoril, picaresco, etc. referiam-se aos acontecimentos humanos, animando personagens, sem compromissos com o relato do passado e conscientes do caráter figurativo da arte. Na época, a história também definiu objetivos e métodos, compreendendo-se sobretudo como crônica do passado, já que congelada como explicação essencial dos fenômenos pelas visões providencialistas cristãs (MAESTRI, 2002, nº 16).

Desde Aristóteles, as conexões e distanciamentos entre história e literatura têm sido estudados. Para o filósofo, ambas estavam distanciadas por tratarem de esferas diferenciadas. A primeira, a história, falava daquilo que aconteceu, enquanto a segunda, a literatura, do que poderia ter acontecido. Dessa forma, a literatura, que abordaria temas universais e não particulares, estaria fadada a somente narrar o imaginário, o inventado, dissociada da veracidade dos acontecimentos. Segundo Hayden White (2001, p.139),

antes da Revolução Francesa, a historiografia³⁰ era considerada convencionalmente uma arte literária. Mais especificamente, era tida como um ramo da retórica, com sua natureza “fictícia” geralmente reconhecida.

Ou seja, a representação dos fatos se dava através de técnicas ficcionais. A escrita da história, nesse sentido, era um exercício literário. Nessa ordem, história e ficção se aproximavam.

Entretanto, no início do século XIX, a identificação do fato como verdade e a ficção como seu oposto tornou-se convencional. Sobre isso, White (2001, p.139) pontua:

A história passou a ser contraposta à ficção, e sobretudo ao romance, como representação do “possível” ou apenas do “imaginável”. E assim nasceu o sonho de um discurso histórico que consistisse tão somente nas afirmações factualmente exatas sobre um domínio de eventos que eram (ou foram) observáveis em princípio, cujo arranjo na ordem de sua ocorrência original lhe permitisse determinar com clareza o seu verdadeiro sentido ou significação.

²⁹ Doutor em história pela Université Catholique de Louvain, Bélgica, e professor de Pós-Graduação em História da UPF.

³⁰ Entendida como a escrita da história.

Ignorava-se, dessa forma, o fato de que, na medida em que um discurso é elaborado, os fatos não falam por si, mas o sujeito que os escreve o faz. Colocados como construtos humanos, os discursos estão sujeitos às vicissitudes da subjetividade. É justamente nessa esteira de pensamento que se desenvolveram as teorias contemporâneas sobre a oposição entre história e ficção, segundo as quais já não podemos mais entendê-las como antagonicas. A separação entre história e literatura é contestada devido aos inúmeros aspectos que têm em comum, pois ambas podem representar o mesmo acontecimento, materializando os fatos em construtos linguísticos, onde tanto o poeta quanto o historiador utilizam-se dos mesmos dispositivos.

2-O deslocamento do ex-cêntrico

Somos a diferença (...) nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história é a diferença das épocas, nossos eus são a diferença das máscaras. Essa diferença, longe de ser a origem esquecida e recuperável, é essa dispersão que somos e fazemos (FOUCAULT apud HUTCHEON, 1991, p.94).

Linda Hutcheon, numa tentativa de estudar um fenômeno cultural que existe e que ainda provoca debates, o pós-modernismo, termo contestado por Jameson e Eagleton, dedica-se à investigação da poética, do fazer literário inserido nesse contexto que tem como características não as generalizações, mas “descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e antitotalização” (HUTCHEON, 1991, p. 19). Os prefixos negativos de tais palavras (*des, in e anti*) incorporam aquilo que pretendem contestar, configurando o teor polêmico do pós-modernismo. Embora as contradições pós-modernistas surjam em vários âmbitos da cultura, Hutcheon destaca o romance, especialmente aquele ao qual denomina “metaficção historiográfica”. Com esse termo, refere-se “àqueles romances intensamente [...] auto-reflexivos e [que] mesmo assim, de maneira paradoxal, também se aproximam de acontecimentos e personagens históricos” (HUTCHEON, 1991, p. 21). A metaficção historiográfica, como pontua Linda Hutcheon, incorpora a autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas, o que passa a ser a base para o repensar e o reelaborar o passado, recusando-se a propor qualquer narrativa mestra ou metanarrativa, nos termos de Lyotard, mas entendendo que a realidade social é estruturada por discursos no plural.

Contudo, não se pode entender que o pós-modernismo tenha se divorciado da história. Ela não se tornou “obsoleta”, mas, nas palavras de Hutcheon, está sendo repensada como uma construção humana.

E, ao afirmar que a história não existe a não ser como texto, o pós-modernismo não nega, estúpida e “euforicamente”, que o passado existiu, mas apenas afirma que agora, para nós, seu acesso está totalmente condicionado pela textualidade. Não podemos conhecer o passado, a não ser por meio de seus textos: seus documentos, suas evidências, até seus relatos de testemunhas oculares são textos (HUTCHEON, 1991, p. 34).

Nesse veio, as instituições consolidadas passaram a ser questionadas, a arte atingiu as ruas, abandonando a clausura, tendo como ponte, talvez, a cultura de massa. Esta, de acordo com Hutcheon, configura outro paradoxo da pós-modernidade, pois sendo uma vasta aldeia global de informações visando o homogêneo pelo impulso da sociedade de consumo, destacou o múltiplo. A cultura transformou-se em culturas.

De acordo com Hutcheon, o pós-modernismo questiona o humanismo liberal, constituído por conceitos como “autonomia, transcendência, certeza, autoridade, unidade, totalização, sistema, universalização, centro, continuidade, fechamento, hierarquia, homogeneidade, exclusividade, origem” (HUTCHEON, 1991, p. 84). Questiona, mas não os nega. Bem, se interrogadas todas as premissas que davam uma ideia de totalidade e de centro, subentende-se que o contrário esteja na pauta dos debates, ou seja, as margens, os excluídos, os que estão fora do centro. Há quem diga, como Lyotard, que a definição do termo pós-moderno gire justamente em torno dessa perda de fé nesse impulso centralizador e totalizante do pensamento humanista. Conforme Hutcheon (1991, p. 86),

quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universalidade totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções – como por exemplo, as de gênero – começam a ficar visíveis.

É a partir de uma perspectiva descentralizada que o marginal, aquele a quem Hutcheon denomina “ex-cêntrico”, adquire importância, desloca-se, sai do anonimato, deixando claro que nossa cultura não pode mais ser considerada e entendida sob o viés homogeneizador: “masculina, classe média, heterossexual, branca e ocidental” (HUTCHEON, 1991, p. 29).

Através dos diferentes discursos, é possível investigar como e o que conhecemos do passado, como são construídas as relações entre ficção/história e ex-cêntrico/

dominante, tendo sempre em mente que não há certezas nesta empreitada. Walter Benjamin, num breve escrito de 1938 (*Teses sobre a Filosofia da História*), pondera:

A história como discurso unitário é uma representação do passado construída por grupos e classes sociais dominantes. O que se recebe, afinal, do passado? Não tudo o que aconteceu, mas apenas aquilo que parece ser *relevante*.³¹

Dessa maneira, estão excluídos os relatos dos negros, dos homossexuais, dos pobres, das mulheres. De forma contrária, a metaficção historiográfica encontra nos romances uma possibilidade de resgatar uma história que pode ter sido silenciada ou modificada. Através de seus personagens ex-cêntricos, busca saber de quem são as vozes que nunca foram ouvidas no curso e no discurso da história, sem o desiderato de transformar a margem em centro, homogeneizar discursos.

Romance pós-ditatorial, um olhar feminino

Do ponto de vista de quem faz, quem cria, é sempre difícil tentar refletir de maneira crítica e analítica sobre a criação, fenômeno que, por sua própria natureza, se processa em grande parte fora dos limites da consciência. Essa tentativa de reflexão se complica ainda mais quando se espera que seus resultados possam ser válidos coletivamente, ajudando a conhecer o que se passou com muita gente, somando os significados de experiências individuais. Escrever é um ato solitário, um momento individual de expressão, uma trajetória particular e única de quem escreve. Se o texto escrito encontra eco em muitos leitores ou num momento histórico próprio e consegue expressar o coletivo, é outra questão [...] (MACHADO, 1999, p. 11).

Conscientes da dificuldade que envolve a reflexão sobre a criação, como assevera Ana Maria Machado, e também sobre o quão pantanoso é o terreno da análise literária, nos embrenharemos nas páginas do romance *Tropical sol da liberdade*, da referida escritora, na tentativa de reconhecermos nele os pressupostos da metaficção historiográfica.

A narrativa é tecida no contexto da Ditadura Militar no Brasil, período indelével da história brasileira iniciado com o golpe militar de 64, que resultou no afastamento do Presidente da República *de jure*, João Goulart, e nas posteriores emissões dos atos institucionais, mecanismos jurídicos criados para legitimar as ações contrárias à Constituição Brasileira. Assim, houve um violento cerceamento da liberdade individual, manifestado de forma contundente no âmbito da cultura.

Mesmo que tenha representado um dos piores momentos da sociedade brasileira, o que conhecíamos da Ditadura Militar do nosso país era o que estava nos livros

³¹ Grifos do autor.

oficiais, aqueles que contavam com o aval do governo, onde não se questionavam os fatos ou os motivos que levaram a tamanha barbárie. Mesmo a história que lemos, embasada nesses fatos, não é exatamente factual, mas uma série de opiniões ocultas e aceitas. A visão de Ana Maria Machado sobre a repressão no Brasil, todavia, é a de quem esteve no cerne do conflito. Em *Tropical sol da Liberdade*, romance iniciado em 1982 e publicado em 1988, Machado conta como foi o período dos anos de chumbo da Ditadura Militar no Brasil. Assim como tantos outros romances que se constituem a partir das memórias da repressão, é documento importante de um tempo que não nos foi revelado inteiramente. Representa um diálogo ininterrupto com o nosso próprio tempo, no sentido de que ilumina os fatos da Ditadura ali representados.

É sabido que o fenômeno ao qual chamamos de pós-modernismo nasceu em meio à dúvida, à incerteza, à fragmentação, ao descentramento e à provisoriade, fatores que contribuíram para que o sujeito desenvolvesse a chamada “crise de identidade”, segundo Stuart Hall. Essa fragmentação do *eu* se mostra no estilhaçamento psíquico da protagonista da obra romanesca *Tropical sol da liberdade*, que já não tem soberania sobre o passado, o presente ou o futuro. Lena, jornalista, tem o corpo marcado pela história e pelo processo de destruição que ela (a história) provoca. A protagonista encontra-se num estado de fragilidade física (está com o dedo do pé quebrado, tem náuseas, não consegue escrever) e psicológica. Retorna a casa da mãe numa tentativa de recomposição de sua identidade e de rememoração de seu passado, tarefa nada fácil. Nesta empreitada, busca jornais, cartas, revistas, fotos que lhe tragam de volta a totalidade perdida. Pretende escrever uma peça de teatro, quer “expor o drama, contar no palco a tal trajetória de uma mulher na periferia dos acontecimentos” (MACHADO, 1991, p. 52). Contudo, reflete sobre as impossibilidades que a doença lhe impõe: “Será que a doença era só uma somatização de todos os impedimentos e obstáculos que sabia e previa? Será que era medo, preguiça, cagaço?” (MACHADO, 1991, p. 52) Percebe-se, nessa passagem, um sujeito em conflito, desarticulado, amedrontado e inseguro, características comuns do homem pós-moderno.

Lena é personagem periférica da história que problematiza as ditas verdades do período ditatorial brasileiro, convidando o leitor a uma releitura da história, pois, de acordo com a metaficção, é ele, o leitor, que dá sentido aos textos. Entre a história real, já contada, e as possibilidades sugeridas pela ficção, há um espaço de liberdade para que o receptor ponha à prova sua capacidade de remodelar os construtos já elaborados. Sob esse prisma, o discurso histórico privilegia ou renega alternativas. As

outras histórias sugeridas pela metaficção são oportunidades de recuperar as possibilidades perdidas, abandonadas pelo discurso oficial.

Lena também corporifica a resistência ao domínio masculino que, nas décadas de 60 e 70, tentava manter as mulheres fora das discussões e dos conflitos. Conforme Ridenti:

A norma era a não-participação das mulheres na política, exceto para reafirmar seus lugares de “mães-esposas-donas-de-casa”, como ocorreu com os movimentos femininos que apoiaram o golpe militar de 1964. A média de 18% de mulheres nos grupos armados reflete um progresso na libertação feminina no final da década de 60, quando muitas mulheres tomavam parte nas lutas políticas, para questionar a ordem estabelecida em todos os níveis, ainda que suas reivindicações não tivessem explicitamente um caráter feminista, que ganharia corpo só nos anos 70 e 80, em outras conjunturas. Não obstante, a participação feminina nas esquerdas armadas era um avanço para a ruptura do estereótipo da mulher restrita ao espaço privado e doméstico, enquanto mãe, esposa, irmã, dona-de-casa, que vive em função do mundo masculino. (RIDENTI, 1993, p. 198).

Nessa ordem, a protagonista do romance vai de encontro ao esperado para uma mulher que viveu naquele tempo.

Em *Tropical sol da liberdade*, a ficção e a história se entrelaçam, pois importantes fatos que marcaram o pós-64 no Brasil são contados de forma poética sob a ótica feminina. Citamos o sequestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick, que objetivou a troca do sequestrado por militantes esquerdistas presos e alguns exilados. Um dos sequestradores foi o irmão de Ana Maria Machado, Franklin Martins. Ao relatar esse fato, a escritora centrou a narrativa nas impressões de Amália, a mãe, e nas reações da personagem Lena. Está sugerido, aqui, que o fato histórico em si (o sequestro do embaixador) não ocupou o primeiro plano na narrativa, mas as diferentes interpretações das personagens femininas o fizeram. Esse deslocamento da ênfase no fato histórico para o ficcional constitui outra característica da metaficção historiográfica. Nessa nova forma de narrativa, os romances não explicam os fatos, mas subvertem, problematizam aquilo que os antigos romances históricos davam como certo e concluído.

Exemplo da problematização acerca da história oficial no romance em análise é a forma como Machado aborda o conhecido “milagre econômico brasileiro”, momento que, pela falsa ideia de desenvolvimento, isento de uma extensa conta a pagar, anestesiou o povo que não viu (ou fingiu não ver) o que estava acontecendo nos porões dos quartéis e das delegacias. A escritora nos apresenta o diálogo entre duas

personagens exiladas: Ricardo, que recebe cartas do pai pedindo-lhes que voltem ao Brasil, e Vera., sua esposa.

[O pai] só acha que vai tudo muito bem, não há motivos para a gente estar aqui passando tanta necessidade, quando o país está se desenvolvendo tão bem, vivendo um verdadeiro milagre econômico... Ele acredita nisso (MACHADO, 2005, p. 233).

A resposta da esposa é enfática, demonstrando um alto teor crítico sobre a situação política e financeira do Brasil :

E será que ele não vê o que está acontecendo com os outros? O arrocho salarial desgraçado para garantir essa especulação maluca de um setor da classe média? A repressão brutal, a prisão, a tortura para ninguém reclamar, ninguém se organizar, ninguém botar a boca no mundo? [...] O milagre só existe por causa da repressão, sem ela não havia Brasil Grande nenhum, Ricardo... (MACHADO, 2005, p. 233)

A história e a literatura, nesta esteira, levam o leitor à auto-reflexão sobre as verdades absolutas, pois ambas operam a partir dos artifícios disponibilizados pela linguagem. Sob esse aspecto, *Tropical sol da liberdade* coloca-nos em contato com indagações a respeito da história da Ditadura Militar que conhecemos através dos livros de história já consagrados. Para White (2001, p. 73):

O historiador não ajuda ninguém construindo uma refinada continuidade entre o mundo presente e o que procedeu. Ao contrário, necessitamos de uma história que nos eduque a enfrentar discontinuidades mais do que antes; pois a discontinuidade, o dilaceramento e o caos são o nosso dote.

Segundo Linda Hutcheon, essa forma narrativa denominada metaficção historiográfica, que faz parte do fenômeno cultural que ela está convencida a chamar de pós-modernismo, é, simultaneamente, fictícia, histórica e discursiva. É metaficcional porque a realidade retratada constitui-se na do próprio discurso, e historiográfica, pois aborda a realidade de discursos passados. Com ela, passamos a ter contato com as histórias dos perdedores e dos vencedores, dos centrados e dos marginalizados.

Considerações finais

Pudemos verificar, após esta análise, que *Tropical sol da liberdade* apresenta algumas características que são frequentes na construção dos romances que Linda Hutcheon classifica como metaficção historiográfica, como o ataque irônico às antigas

personagens modelo ou seu completo descarte; os protagonistas do romance são os marginalizados, os ex-cêntricos, aqueles que representam as grandes massas. São eles que condicionam a focalização narrativa, que pode ser instável, instabilidade esta que mostra a precariedade do passado, facilitando o surgimento de múltiplas perspectivas, além de problematizar o conhecimento da história, favorecendo o surgimento de reflexões sobre questões dadas como certas. Temos consciência de que a tentativa de enquadrar uma obra como pós-modernista ou metaficcional historiográfica é empreitada de grande risco. Também sabemos que os estudos são incipientes e nada conclusivos. Apontar semelhanças e aproximações entre os pressupostos de Linda Hutcheon e a obra que analisamos não configura nenhuma certeza, mas convida-nos, sim, a continuarmos investigando.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*. v. 1. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. 2 ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1991.

MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente: Conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Tropical sol da liberdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MAESTRI, Mário. *História e romance histórico: fronteiras*. Revista *Novos Rumos*, ano 17, nº 36, 2002.

RIDENTI, BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. Trad. Aurora Forni Bernardini e outros. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 1993.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso. Ensaio sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.